

UM DIÁLOGO ENTRE A ÓTICA DOS DISCENTES E DOS DOCENTES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA RELAÇÃO DE MAIOR RESPEITO E APRENDIZAGEM

Eliane Botlender Severo Wassmansdorf¹

Silvia Iuan Lozza²

RESUMO

O desinteresse das novas gerações pelos estudos deve-se a um conjunto de fatores, que foram levantados nas pesquisas do PAIC 2010/2011 e 2011/2012: ausência afetiva dos pais (pela carga de trabalho), desestruturação familiar, falta de tempo e de limites, insegurança e descompromisso em relação a valores. A mesma pesquisa detectou, no caso dos docentes, que a desmotivação se deve à falta de formação continuada, fraca didática, ao uso de metodologias repetitivas, ao não controle da turma e à falta de apoio pedagógico das escolas. A escola precisa retomar sua função de instruir e educar, dando aos docentes condições de refletir e praticar sua profissão e aos discentes oportunidades de desenvolvimento de seu saber pensar, aprender a aprender, habilitando-os a participar, construir e a socializarem-se. Metodologicamente, a abordagem com pesquisa documental nos dados anteriores, com apoio de pesquisa bibliográfica para ampliação do marco conceitual necessário para realizar um diálogo entre os resultados citados acima, constata-se que falta atenção para detectar os problemas, as semelhanças e as diferenças para que sejam superadas as dificuldades existentes em sala de aula. Docentes e discentes precisam aprender a dialogar, conviver com seus medos e incertezas, utilizando estratégias diferenciadas como aliadas para a melhoria da aprendizagem.

Palavras-chave: Indisciplina. Motivação. Formação Continuada. Relação Professor/Aluno.

¹ Aluna do 4º ano de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica da Fundação Araucária. *E-mail:* dancawass@gmail.com.

² Mestre em Engenharia de Produção (UFSC). Coordenadora do curso de Pedagogia e professora da FAE Centro Universitário. *E-mail:* silvial@fae.edu.

INTRODUÇÃO

A educação passa por uma crise de identidade. A docência vem sendo desvalorizada nas últimas décadas, segundo Apolinário (2012, p. 17). Há desunião e pessimismo na classe dos professores, em suas escolas, bem como nos movimentos reivindicatórios que beneficiam a classe. A docência não tem sido fácil para esses profissionais, e fazer a gestão de uma sala de aula é um desafio para o processo de ensino-aprendizagem.

A indisciplina, pela falta de limites e valores, tomou conta dos alunos, tornando complexos os problemas relacionados à educação. Em contrapartida, os alunos reclamam da falta de didática, de aulas motivadoras e inovadoras por parte dos professores, criticando seus desempenhos.

Quanto à indisciplina, no PAIC de 2010/2011 (IVOLELA; LOZZA, 2010/2011), foi detectado que 44% dos alunos não têm limites, são rebeldes, agressivos, desrespeitam o professor. A sequência do estudo PAIC 2011/2012 (NASCIMENTO; LOZZA, 2011/2012) mostra que a motivação, ou melhor, a falta de motivação por parte dos professores foi o item mais pontuado como interferência no desempenho docente.

Com o presente estudo, procurou-se realizar um diálogo entre os resultados das pesquisas anteriores, de 2010/2011 e 2011/2012, nas quais a indisciplina dos discentes e a falta de motivação dos docentes foram as maiores dificuldades enfrentadas em sala de aula. A partir disso, buscou-se levantar os motivos que levam a essas dificuldades e listar algumas estratégias para a resolução do problema.

1 INDISCIPLINA

Tania Zagury, em seu livro, **O professor refém** (2009), afirma que é preciso rever com urgência a questão da autoridade e dos limites dentro do contexto família/escola, sem o que dificilmente poderemos alcançar a qualidade na educação.

A indisciplina ocorre quando não há controle da turma, diálogo, civilidade, desenvolvimento da moral e da educação e, principalmente, do respeito mútuo. Indisciplina é a quebra das regras morais e convencionais. Regras morais são socialmente construídas com base em princípios que visam ao bem comum, ao que é ético, como não xingar e não bater. Regras convencionais são criadas por um grupo com objetivos específicos, como não usar o celular em sala de aula ou não conversar em momentos impróprios.

A indisciplina, então, não é um simples ato momentâneo de contrariedade do aluno, e sim um conjunto de valores que, com o tempo, foram se perdendo no dia a dia do ambiente escolar.

Tania Zagury, em seu artigo, descreve:

[...] Se por parte do adulto há insegurança, comodismo, ou desejo de ser considerado liberal, por parte dos jovens vários motivos explicam condutas inadequadas ou antissociais. Muitos julgam que se opondo às normas sociais estão utilizando uma forma de protesto ou a maneira de encontrarem o próprio ego. Outros desamparados num mundo violento e desigual, criado pela sociedade pós-moderna e, percebendo a própria incapacidade para enfrentá-lo, aderem aos demais. O triste, porém, é que, uns e outros, não se realizam na marginalização, tanto assim que alguns se refugiam no álcool, nas drogas, nos excessos sexuais, nos fanatismos religiosos ou políticos. Outros chegam à depressão ou ao suicídio. Se o jovem deseja liberdade, antes de tudo, quer amor e orientação. Quando sente que a orientação que lhe é dada pauta-se pelo afeto, e que os limites não são disfarces para o autoritarismo, aceitam-nos e aderem, sentindo-se protegidos – e não subjugados. São os limites e as regras sociais que nos protegem de atos irrefletidos e propiciam sensibilidade e empatia (ZAGURY, 2007).

A peça-chave para que não ocorra a indisciplina é o respeito, na opinião da senhora Vera Miraglia, 80 anos, educadora e diretora da escola Anjo da Guarda, de Curitiba, quando perguntada sobre o que é necessário para uma educação completa. O respeito deve ser consequência da educação que a criança recebe em casa, dos seus pais e do universo em que está inserida. Diz ainda que, se os pais amarem os seus filhos, metade do caminho estará percorrido. Esse amar os filhos resulta no gostar de estar com os filhos, e não no lidar com os filhos. Lidar torna-se penoso, já o gostar resulta no prazer da convivência e na resolução de possíveis problemas. “A família abriu mão de seu papel essencial de geradora de ética e de primeira agência socializadora das novas gerações” (ZAGURY, 2009). A continuação desse amor, que gera valores como o respeito, continua na escola, na sala de aula, no convívio com os demais.

2 MOTIVAÇÃO

Apurou-se que a falta de motivação dos discentes se deve à falta de motivação dos docentes. As razões dessa “desmotivação” são várias: dificuldade em manter-se atualizado em suas disciplinas, falta de recursos financeiros, desvalorização da figura do professor, falta de credibilidade do professor em relação às mudanças do mundo, medo de mudanças etc.

Apolinário (2012) assevera:

O desejo de obter ou alcançar determinada coisa nos motiva a lutar para consegui-la. É preciso agir, descruzar os braços, arregaçar as mangas e por as mãos na massa. Se muitos perderam o “primeiro amor” pela profissão, faz-se necessário um ânimo novo, novas perspectivas, novos horizontes, novos patamares a serem alcançados. A aspiração preserva no professor o que ele tem de mais valor para a educação.

Como então motivar os alunos com tantos problemas existentes na profissão? A primeira providência a ser tomada é (re)construir-se, (re)lembrar sua aptidão para a docência e ter foco no resultado de sua profissão.

Fala-se muito em formação continuada, em competência de aprender a aprender, domínio de linguagem, saber usar os meios de comunicação tecnológicos e cultura geral, mas antes de tudo é necessário resgatar a profissionalidade do professor, reconfigurar as características de sua profissão, fortalecer as lutas sindicais por melhores salários para que essa formação ganhe credibilidade (LIBÂNEO, 2010).

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação³ de professores, principalmente do professor básico, das séries iniciais até o ensino médio, é decisiva para a construção do conhecimento e desenvolvimento humano. Mas, para que isso ocorra, é necessário competência ao motivar a formação do cidadão. Com a crise na educação, fica apenas a frustração de muitos pais pelo não aproveitamento escolar de seus filhos. Segundo Demo (2000),

[...] Esta crise sempre teve como fonte crucial a perversão do sistema: abusos politiqueros de toda a ordem, desorganização e desadministração, formatos profissionalizantes arcaicos e inadequados, ofertas de condições inaceitáveis de trabalho, atraso em termos curriculares e didáticos e assim por diante. Todavia, esta crise apresenta, agora com mais evidência, outro fator essencial, que, embora consequência desta mesma crise, causa impacto devastador: a incompetência dos profissionais em termos propedêuticos. Trata-se de consequência das mazelas institucionais implicadas no trajeto da preparação profissional, o que os faz vítimas típicas do sistema. Mesmo assim, nada tem atrapalhado mais o aproveitamento escolar do que o despreparo dos profissionais, aliado ao corporativismo, que, por sinal, se nega a enfrentar este despreparo.

A escola deve ser responsável pela formação do cidadão para a vida, com um justo conhecimento por parte do aluno de que é possível não ser ignorante, de que é possível não ser excluído de um mundo também seu. Essa deve ser a missão da escola, lutar para que a formação de seus professores não seja apenas da reprodução, mas sim da educação de inovação. É necessário verificar em que parte, nesse caminho, houve uma perda do entusiasmo com a profissão. “Ser membro do corpo docente de uma

³ Formação – o conceito deriva da palavra latina *formatio*. Trata-se da ação e do efeito de formar ou de se formar (dar forma a, constituir algo ou, tratando-se de duas ou mais pessoas ou coisas, compor o todo do qual são partes). Disponível em: <<http://conceito.de/formacao#ixzz2GRgdKFBu>>. Acesso em: 29 dez. 2012.

escola implica aliar às condições de professor o sagrado compromisso de ser educador. Essa dupla condição transformará o professor em verdadeiro mestre, no sentido pleno da palavra” (JULIATTO, 2010).

Juliatto (2010) descreve que educação e magistério têm muito a ver com vocação, além de ser uma profissão. O professor passa e repassa virtudes e valores morais durante sua docência, mas é preciso acreditar nisso, para que surta o efeito certo, que é transformar o aluno, e não resulte em mera clientela, mas em cidadão preparado para usufruir um mundo mais justo e igualitário.

4 O QUE É SER PROFESSOR?

A LDB nº 9.394/96 (BRASIL,1996) mostra item a item a formação docente ou os atributos necessários, em termos de ensino, mas não fala em nenhum momento da vocação, tão importante para formar um profissional competente. Formam-se muitos professores a cada ano e, ao mesmo tempo, percebem-se outros tantos desanimados com a profissão.

Ao formar-se, um candidato a docente tem pouca experiência. O que ele viu nos estágios supervisionados não é suficiente para lhe dar segurança. Ele teve uma noção de como professores mais experientes lidam com uma turma de alunos (às vezes, sem sucesso). O que é necessário então para que o início de sua carreira como docente dê certo? É preciso paciência e boa vontade em acertar. Parte-se da premissa de que as crianças têm um tempo certo no seu desenvolvimento cognitivo, e a paciência ajuda a entender como o processo ocorrerá. Também é necessário estudo, domínio de seu conteúdo. Um bom professor está sempre por dentro do que acontece de novo nas tecnologias, porque esta é uma de suas principais aliadas em sala de aula e em novas formas de propor uma aula.

A escolha profissional exige compromisso e dedicação e, como muitos aspiram segurança, estabilidade financeira, mais tempo livre para a família, para fazer atividades físicas e viajar, acabam se frustrando. A insatisfação com a escola não está restrita aos aspectos acadêmicos, mas a um conjunto de fatores que engloba as relações nela existentes.

Entende-se que a educação é um dos fatores prioritários para o desenvolvimento do país, assim, o professor é o elemento-chave para que isso ocorra. É ele quem conhece o dia a dia na sala de aula, quem convive com o aluno esforçado ou indisciplinado e quem lida diretamente com os reflexos da violência e da desigualdade.

5 CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES, PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Segundo Emilia Freitas de Lima, em **Formação de professores**: passado, presente e futuro, de autoria de Lizete Shizue Bomura Maciel e Alexandre Shigunov Neto (2004), o curso de Pedagogia no Brasil possuiu três fases:

- Primeira fase: início em 1939, na Faculdade de Filosofia, da Universidade do Brasil, até a Lei nº 5.540 (BRASIL, 1968), conhecida como “Reforma Universitária”;
- Segunda fase: Lei nº 5.540 até a LDB, instituída pela Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996);
- Terceira fase: LDB 9.394/96 até os dias atuais.

A primeira fase durou três anos. Formava-se o bacharel e, com mais um ano, o licenciado. Ao currículo foram incluídos estudos de didática, no grupo de disciplinas que compunham o curso de bacharelado. A formação era teórica, com base em princípios da racionalidade técnica e no conceito a ela subjacente.

Na segunda fase, o curso passa a ser regulamentado pelo Parecer nº 252 (BRASIL, 1969) e pela Resolução nº 2 (BRASIL, 1969). As habilitações profissionais foram instituídas tornando os alunos “especialistas”, fragmentando-se a realidade escolar segundo as funções a serem desempenhadas: docência, administração, supervisão, orientação educacional, inspeção escolar, entre outras.

Em ambas as fases, o domínio dos conteúdos das disciplinas e a técnica para sua transmissão eram a base para a formação dos professores.

Com a terceira fase – LDB 9.394/96 –, altera-se a visão do ensino como nocional e imutável pela visão do ser humano como responsável pela construção do conhecimento. Ao interagir com o ambiente, o professor lida com o conhecimento em construção e analisa a educação como um compromisso político.

[...] tudo isso nos leva a valorizar a grande importância que têm para a docência a aprendizagem da relação, a convivência, a cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus iguais e com a comunidade que envolve a educação (IMBERNÓN, 2000, p. 14).

6 COMPETÊNCIAS

Os professores possuem competências profissionais formadas pelo conjunto de conhecimentos, *savoir-faire* (definição, MICHAELIS, 2009) e posturas, ações e atitudes necessárias para o exercício da profissão docente.

[...] A dificuldade no ato de ensinar está no fato de que ele não pode ser analisado unicamente em termos de tarefas de transmissão de conteúdos e de métodos definidos *a priori*, uma vez que são as comunicações verbais em classe, as interações vivenciadas, a relação e a variedade das ações em cada situação que permitirão, ou não, a diferentes alunos, o aprendizado em cada intervenção. Assim, as informações previstas são regularmente modificadas de acordo com as reações dos alunos e da evolução da situação pedagógica e do contexto. O que constitui a especificidade do ensino é que ele se trata de um “trabalho interativo” (PERRENOUD et al. apud TARDIF, 1992).

Juntamente às competências, os professores possuem saberes que são também desenvolvidos na prática profissional.

[...] a aquisição de conhecimentos por parte do professor está muito ligada à prática profissional e condicionada pela organização da instituição educacional em que esta é exercida. [...] a aquisição de conhecimentos por parte do professor é um processo complexo, adaptativo e experiencial (IMBERNÓN, 2010).

A formação do professor precisa ter como base o planejamento do currículo, de atividades relacionadas a situações do seu cotidiano, a criação de estratégias para a resolução de problemas e a convivência para as mudanças.

[...] tudo isso implica considerar o profissional de educação como um agente dinâmico cultural, social e curricular, que deve ter a permissão de tomar decisões educativas, éticas e morais, desenvolver o currículo em um contexto determinado e elaborar projetos e materiais curriculares em colaboração com os colegas, situando o processo em um contexto específico controlado pelo próprio coletivo (IMBERNÓN, 2010).

Relaciona-se a formação docente como item primeiro para entender por que o docente, sendo o formador, o mediador do conhecimento e da aprendizagem do aluno, não consegue ser feliz e realizado em sua docência.

[...] é uma perspectiva que atualmente tem sido questionada no que se refere ao desenvolvimento do conhecimento profissional. O questionamento deve-se a diversos fatores:

- A subordinação da profissão à produção do conhecimento por parte de outros.
- A desconfiança no professor, considerado incapaz de gerar conhecimento pedagógico e, portanto, de gerar conhecimento pedagógico válido.

- A separação entre teoria e prática, em que a prática é considerada uma aplicação da teoria, sem que haja uma relação dialética entre elas.
- O isolamento profissional, pelo desenvolvimento de um modelo metodológico de aula.
- O abandono dos problemas morais, éticos, sociais e políticos da educação, que são esquecidos e marginalizados no conhecimento formal.
- O impulso corporativismo, em vez do trabalho conjunto para a melhoria coletiva.
- O fator da descontextualização, já que as soluções na prática podem ser aplicadas a qualquer contexto educativo (IMBERNÓN, 2010).

Nota-se que é necessário mudar os paradigmas dessas atitudes. A docência só será completa e terá seu reconhecimento a partir do momento em que se tornar uma experiência coletiva. Essa formação permanente do professorado não deve ser apenas uma atualização em diversas áreas, mas sim uma descoberta de como agir ao elaborar projetos de trabalho para uma ação educativa eficaz.

7 FUNÇÃO DA ESCOLA

Ao discorrer sobre a formação de professores, é importante um aparte para falar da escola:

[...] a função da escola não pode ser colocada em termos dicotômicos, instruir ou educar. Precisa ser pensada em termos de inclusão: instruir e educar. [...] por educação, compreende-se a transmissão de valores, posturas e condutas comportamentais: por instrução, entende-se a transmissão de conteúdos, noções e competências específicas (JULIATTO, 2012).

[...] a educação é romântica, a instrução é iluminista; a educação é filosófica, a instrução é científica; a educação é sentimental ou racionalista, a instrução é empirista; a educação é religiosa, a instrução é laica (JULIATTO apud MANTEGAZZA; SEVESO, 2006).

A escola é um instrumento de e para a formação íntegra dos seus alunos, portanto, instrução e educação sendo repassadas conjuntamente.

Paulo Freire, no seu livro “Pedagogia da autonomia” (2001), afirma que “[...] transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formativo”.

Unindo-se em vivência comunitária com seus alunos, professores e colaboradores, a escola, com certeza, colherá bons frutos em seu papel de importância na educação. O provérbio africano citado por Juliatto (p. 150, 2010) “é necessário uma aldeia para

educar uma criança” diz que educação, tanto de uma criança como de qualquer pessoa, é uma atividade social a ser realizada por uma comunidade. Escola como comunidade. Escola tornando-se um local para as pessoas conviverem e aprenderem a viver em grupo de forma independente, mas ligados por objetivos e ideais comuns.

[...] construir comunidade precisa tornar-se o coração de todo o esforço de melhorar a escola. Qualquer outra coisa envolvida – melhoria do ensino, desenvolvimento do currículo, novas formas de administração, avaliação mais autêntica, maior grau de participação de professores e pais, maior profissionalismo – precisa ter seu fundamento na construção da comunidade (JULIATTO apud SERGIOVANNI, 1994).

Com ações e diálogos construtivos, cria-se um relacionamento harmonioso entre todos os segmentos envolvidos na escola. Paulo Freire, em seu poema “A Escola” (CRUZ, 2009) retrata bem esse sentido de comunidade:

[...] Escola é: o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros. Programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente. Gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. O Diretor é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente. E a escola será cada vez melhor. Na medida em que cada um se comporte. Como colega, amigo, irmão. Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”. Nada de conviver com as pessoas e depois, descobrir que não tem amizade a ninguém. Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem, É conviver, é se “amarrar nela”! (CRUZ, 2009)

8 FORMAÇÃO CONTINUADA

Atualizar-se é a chave para o sucesso da docência. Com as novas mudanças na sociedade e no mundo globalizado, é imprescindível a atualização do professor frente às vivências em sala de aula. O intercâmbio do conhecimento científico com os novos significados da comunicação, novas tecnologias e situações-problema são fontes de novos descobrimentos. Segundo Libâneo (apud ZEMELMAN, 1994),

[...] é preciso colocar a autoformação contínua como requisito da profissão docente. O exercício do trabalho docente requer, além de uma sólida cultura geral, um esforço contínuo de atualização científica na sua disciplina e em campos de outras áreas relacionadas bem como incorporação das inovações tecnológicas.

O autor completa seu pensamento:

[...] a ideia de que o professor possa “pensar” sua prática, ou em outros termos, que o professor desenvolva a capacidade reflexiva sobre sua própria prática. Tal capacidade implicaria por parte do professor uma intencionalidade e uma reflexão sobre seu

trabalho. [...] pensar é mais do que explicar, e para isso as escolas e as instituições formadoras de professores precisam formar sujeitos pensantes capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas de pensamento, elementos conceituais, que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se ante a realidade, apropriar-se do momento histórico para pensar historicamente essa realidade e reagir a ela (LIBÂNEO apud ZEMELMAN, 1994).

Além de atualizar-se, o docente leva em conta a transformação da educação. As competências e habilidades transformaram-se, e o trabalho do professor extrapolou a sala de aula. Tornou-se condição de continuidade da profissão a constante renovação dos conhecimentos, da didática e da metodologia.

Juntamente a essa formação continuada, o trabalho com a interdisciplinaridade resulta em novos ganhos aos professores, aos alunos e à escola como um todo, pois a abrangência dos conhecimentos torna o aprendizado muito mais interessante. Para a maioria dos autores citados neste trabalho, a especificidade da profissão docente está no conhecimento pedagógico, que é construído e reconstruído muitas vezes na vivência da docência do professor entre a teoria e a prática. Ideal seria que se estabelecesse a interação entre os próprios professores na prática de sua profissão. Isso poderia melhorar a prática profissional, pois os professores necessitam de melhores e novos sistemas de trabalho e de novas aprendizagens.

9 ESTRATÉGIAS

É necessário o uso de estratégias que levem o docente a um resultado favorável à aprendizagem do aluno. Uma estratégia interessante, mas que na realidade não ocorre como citada nos livros, é a prática de estágio em campo. Segundo Perrenoud et al. (2001, p. 126; 144),

[...] É na experiência que se forjam os esquemas de pensamento e de ação específicos a um corpo profissional, na confrontação com situações ao mesmo tempo comparáveis e sempre distintas. [...] sem essa capacidade de mobilização e de ativação de saberes, não há competências profissionais, apenas conhecimentos. [...] não é a partir do modelo a priori de um aluno epistêmico dificilmente encontrável que os professores estagiários apropriam-se de seu ofício, mas através de contextos variados, na interação com crianças dotadas de um nome, de um rosto, de um corpo, de uma história. [...] a alternância a ser estabelecida não é a da teoria e da prática, mas a da tentativa e da análise. Por isso, seria conveniente desenvolver toda forma de prática protegida, em que o estagiário tenha fundamentalmente o direito ao erro, em que proceda por tentativas e repetições, em que experimente estratégias tão variadas quanto possível, em que acumule as experiências aproveitando o tempo de análise aprofundada.

Segundo a LDB 9.394/96 e a Resolução CNE/P2/2002, o Estágio supervisionado é o momento em que a relação professor/aluno e toda a teoria da área de Pedagogia podem ser aprimoradas. Seu objetivo é colocar o futuro professor em contato com as práticas adotadas pelo mercado de trabalho; oportunidades de aplicar as teorias estudadas em sala de aula; consolidar a experiência e o desempenho profissional; oferecer oportunidades de executar tarefas relacionadas à área de interesse; complementar a formação do aluno desenvolvendo as habilidades relacionadas, direta ou indiretamente, com o campo de atuação profissional. A ressalva existente na prática do estágio é que ele necessita de uma orientação dada pelo professor regente, levando o estagiário a embasar a teoria aprendida, efetivando, assim, sua práxis.

Outra estratégia é moldar-se como exemplo ao seu aluno, resgatando o prazer em ensinar e em aprender. Desenvolver-se baseado numa prática reflexiva competente aliada a uma formação continuada é o principal passo para sua mudança de práxis.

[...] saber pensar, aprender a aprender para melhor intervir e inovar condensam o desafio educativo mais profundo, base da competência necessária para motivarmos a formação do sujeito inovador e capaz, dotado de qualidade formal e política. Esta competência, entretanto, volta-se mais para a cidadania, para a capacidade de humanizar a história, do que simplesmente para fazer a competitividade. Ser competente não há de significar, em primeiro lugar, habilitar-se para competir, mas para participar, colaborar, construir, conviver. É por isso que conhecimento precisa morar na casa da educação. Do contrário, tende a tornar-se apenas a arma mais potente de agressão e imposição, ou a tática mais eficiente para reproduzir a ignorância (DEMO, 2000, p. 9-10).

[...] A alteração das condições da prática ocorre por todos os tipos de razão que, sem serem fortuitas, não respondem a nenhuma lógica de formação: mudança de programas e de métodos, de estruturas (por exemplo, criação de ciclos de aprendizagem), das expectativas das famílias, do nível e das estratégias dos alunos. Ao longo dos anos, os professores mudam de estabelecimento, de classe, de meio material, cultural e social. Mesmo que permaneçam no mesmo lugar, o mundo muda à sua volta e, particularmente, as crianças ou os adolescentes escolarizados (PERRENOUD et al., 2001).

Verifica-se que nada se alterará nessa situação de conflito entre discentes e docentes se ambos não se empenharem em encontrar maneiras de boa convivência.

Aos discentes cabe o esforço para observar que escola é parte importante na formação e transformação de seu universo cognitivo. Estudantes têm seus direitos e deveres ao ingressarem em uma instituição. O respeito a si mesmo e aos outros; a prática de sua integridade pessoal, acadêmica e profissional, ele aprende desde a escola básica levando até a universidade. Em contrapartida, devem ter um tratamento justo e igualitário por parte da escola ou universidade e de seus professores; acesso ao conhecimento e a recursos de aprendizagem existentes na escola; assistência e orientação de seus professores; devem ser desafiados por seus mestres em vista do desenvolvimento de seu potencial cognitivo, pragmático, afetivo, social e espiritual (JULIATTO, 2010).

Aos docentes cabe oferecer aos alunos o conhecimento, dentro do que diz Palmer (2012):

[...] procure a origem da palavra profissional e descobrirá que ela se refere a alguém que adota uma “profissão de fé” em meio a um mundo desanimador. [...] entendemos por profissional alguém que possui conhecimento especializado e domina certas técnicas em assuntos estranhos demais para os leigos, além de ter recebido uma educação que, com orgulho, se diz “isenta de juízos de valor”. [...] a noção do novo profissional resgata o antigo significado da palavra.

Docência é vocação, é um estado de espírito. Doar-se a alguém que necessita de uma mão que o guie, que o leve a crescer como indivíduo social.

10 METODOLOGIA

A pesquisa e a revisão bibliográfica dos trabalhos realizados anteriormente, PAIC 2010/2011 e PAIC 2011/12, foram utilizadas como método para atingir os objetivos específicos do tema estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar o diálogo entre a indisciplina dos alunos e a falta de motivação dos professores, deparamo-nos com a seguinte situação: a educação é constantemente renovável, e, para que docentes e discentes se entendam em sala de aula, é preciso que ambos tenham a mesma disposição em mudar. Essa mudança exige consciência e compromisso coletivo, não apenas no sentido cognitivo, mas também no afetivo. Docentes experientes e futuros docentes precisam entender que ensinar não é apenas impor suas ideias e metodologias em sala de aula. É mais que isso. É levar o aluno a descobrir-se, aprender a ser alguém melhor, é mediar a sua aprendizagem com a sua experiência e dedicação.

[...] O ensino é um processo interpessoal e intencional, que utiliza essencialmente a comunicação verbal e o discurso dialógico como meios de provocar, favorecer e levar ao êxito aprendizagem em uma dada situação; é uma prática relacional finalizada (ALTET, 1994).

Constata-se que falta atenção de um para outro, que detecta dificuldades, saberes, semelhanças e diferenças. Falta diálogo, que deve ser utilizado como forma de entendimento entre as duas partes para que superem as dificuldades existentes em sala de aula. Docentes e discentes precisam aprender a conviver com seus medos e incertezas, utilizando estratégias diferenciadas como aliadas para a melhoria da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALTET, Marguerite. **La formation professionnelle des enseignants**: analyse de pratiques et situations pédagogiques. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

APOLINÁRIO, Maurício. **Limites na sala de aula**: emoções, atitudes e ações. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

BRASIL. **Lei nº 5.540/68**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15540.htm>. Acesso em: 18 fev. 2013.

_____. **Lei nº 9.394/96**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 21 maio 2013.

_____. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 252/1969. Conselho Federal de Educação. **Documenta**, Rio de Janeiro, n. 100, abr. 1969. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2/69**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

CARNEIRO, Luis Fernando. Semear é preciso. **Revista Viver Curitiba**, Curitiba: Ruah, out. 2012. Disponível em: <<http://revistaviver.com.br/gente/semear-e-preciso/>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

CRUZ, Maria Tereza Lopes da. Portal do Professor. **A escola**. 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=1536>>. Acesso em: 04 dez. 2012.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 9-10.

FORMAÇÃO: conceito. Disponível em: <<http://conceito.de/formacao>>. Acesso em: 04 dez. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução de Silvana Cobucci Leite. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 53-54.

IVOLELA, Milene; LOZZA, Silvia Iuan. Formação de professores para uma relação de maior respeito e aprendizagem. **Cadernos de Iniciação Científica**: PAIC, Curitiba, n. 12, p. 91-116, 2010-2011.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Parceiros educadores**: estudantes, professores, colaboradores e dirigentes. Curitiba: Champagnat, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2010.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre (Org.). **Formação de professores**: passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2004.

MANTEGAZZA, Raffaele; SEVESO, Gabriella. **Pensare la scuola**: contraddizioni e interrogativi tra storia e quotidianità. Milano: B. Mondadori, 2006.

NASCIMENTO, Maria Amélia Marçal Antonio do; LOZZA, Silvia Iuan. A ótica dos discentes na formação de professores para uma relação de maior respeito e aprendizagem. **Cadernos de Iniciação Científica**: PAIC, Curitiba, n. 13, p. 579-590, 2011-2012.

PALMER, Parker J. **A coragem de ensinar**: explorando a paisagem interior da vida de um professor. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

PERRENOUD, Philippe et al. (Org.). **Formando professores profissionais** – Quais estratégias? Quais competências? 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAVOIR-FAIRE. In: MICHAELIS. **Dicionário português online**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

SERGIOVANNI, Thomas J. **Building community in schools**. San Francisco: Jossey-Bass, 1994.

TARDIF, J. **Pour un enseignement stratégique**: l'apport de la psychologie cognitive. Montreal, 1992.

ZAGURY, Tania. **Disciplina e indisciplina** – Causas, consequências e perspectivas. 2007. Disponível em: <<http://www.taniazagury.com.br/artigos.asp?cdc=3132>>. Acesso em: 04 dez. 2012.

_____. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ZEMELMAN, Hugo. El actual momento histórico y SUS desafios. **Cadernos Anped**, Belo Horizonte, n. 6, p. 7-28, out. 1994.